

A FESTA DOS CABOCLOS DE URUBÁ — NOTA ETNOGRÁFICA

WALDENIR CALDEIRA DE JESUS COELHO DE ARAÚJO

Prof. Adjunto do Dep. de Letras e Ciências Humanas da UFRPE.

A presente nota etnográfica descreve a observação da festa em homenagem a Nossa Senhora das Montanhas, realizada anualmente na noite de 23 de junho, na vila de Cimbres, situada na serra do Ororubá, município de Pesqueira, cerca de 240 km do Recife, Pernambuco. A festa integra às características comuns do catolismo popular nordestino, traços da cultura dos xucurus e paratiós, grupos indígenas dos quais procede grande parte da população local — os caboclos da serra do Ororubá.

Na serra do Ororubá, conhecida também como Urubá e Ararobá, município de Pesqueira, cerca de 240 quilômetros do Recife, fica localizada a pequenina e histórica vila de Cimbres, onde os festejos juninos, embora diferenciados dos realizados em outros locais de Pernambuco, acontecem ainda longe dos olhos de turistas ávidos por exotismos.

O presente artigo constitui o relato etnográfico da observação dos festejos juninos realizados em Cimbres.¹

CIMBRES E SEUS CABOCLOS

As notícias mais antigas da localidade dão conta de que, em 1969, o padre oratoriano João Duarte do Sacramento organizou um aldeamento indígena, reunindo na serra do Ororubá grupos aborígenes dispersos na região.

Em 1962, o bispo de Olinda, Dom Matias de Figueiredo conferiu foros de sede paroquial à antiga capela da aldeia do Ororubá, sob a invocação de Nossa Senhora das Montanhas, que permanece até hoje como orago local.

O capitão-mor Antonio Vieira de Mélo, que recebera em herança uma sesmaria concedida a seu pai, inicia a exploração

da região, com grande morticínio dos índios xucurus² e paratiós. O sucesso do empreendimento determinou o reconhecimento oficial, com a concessão dos foros de Vila ao antigo aldeamento indígena, sob a denominação de "Real e mui nobre Vila de Cimbres".

Em 1800 foi instalada uma fazenda no sopé da montanha — o Poço da Pesqueira, em local de fácil acesso, situado no Caminho do Sertão.

Dez anos depois seria instalada, com sede em Cimbres, a Comarca do Sertão. Todavia, o arruado da fazenda Pesqueira crescia, em detrimento da sede, pela facilidade de acesso.

Em 1835, a peste variólica despovoou Cimbres e, no ano seguinte, a sede da vila e da comarca passam a Pesqueira, ficando a localidade da montanha ao abandono, com uma pequena população remanescente.

No ano de 1855 existiam ainda 816 índios na serra do Ororubá, segundo um documento oficial citado por PINTO³ (1935).

Enquanto a nova sede prosperava, vindo a tornar-se uma cidade industrial na década de 30, a antiga vila permanecia estagnada.

Hoje Cimbres é uma vila, distrito do município de Pesqueira. Conta com sua antiga capela de Nossa Senhora das Montanhas e um arruado de casas enfileiradas em torno da larga praça, e as ruínas do senado da vila.

A população da vila e das áreas rurais adjacentes é constituída em grande parte por remanescentes das antigas tribos miscigenadas com os colonizadores.

O COMEÇO DA FESTA

A festa tem início ao meio-dia de 23 de junho, quando dona Bironda, a zeladora da capela faz soar os sinos, os devotos estouraram os primeiros fogos e os integrantes da banda de pífano atacam os primeiros acordes.

Diversamente de outras comunidades que se preparam para festejar São João, Cimbres inicia os festejos de sua padroeira, Nossa Senhora das Montanhas.

Os moradores da zona rural começam a chegar e a se ar-ranchar nas casas de parentes e pessoas amigas. Talvez pela dificuldade de acesso e de transporte regular os forasteiros são poucos. A vila não dispõe também de hotéis e restaurantes. Por isso, as casas de moradia ficam repletas de hóspedes — parentes e amigos — antigos moradores do lugar, que retornam no dia da festa. Entre estes, viemos a identificar alguns participantes de cultos mediúnicos de origem indígena do Recife (terreiros de Jurema).³

A banda de pífano tem uma grande importância para a festa. Toca na igreja nas horas solenes e, nos intervalos, circula pelas casas de moradia e pelas bodegas. Ela é composta de dois pifeiros, um zabumba e uma caixa. Os seus integrantes vivem nos sítios da vizinhança.

APANHA DA LENHA

As 15 horas os sinos começam novamente a tocar. Anunciam que está na hora da “apanha da lenha”. Trata-se de antigo ritual do lugar: a população saía para o campo, com machados e foices, a fim de coletar a madeira, cortando árvores das matas para preparar a lenha da fogueira votiva, comunitária, que se levanta à porta do templo. Hoje, o principal proprietário rural da região providencia previamente o corte das árvores e manda deixar certo volume de lenha a meia légua de distância da vila. Desta forma, concilia-se a sobrevivência da tradição com o interesse do proprietário de evitar desperdícios e a derrubada de árvores de maior porte e valor econômico.

Quase todos os moradores do lugar, acompanhados dos seus hóspedes, participam do ritual. Pessoas de todas as idades atendem o chamado dos sinos — velhos, crianças e adultos partem para a “apanha da lenha”, precedidos pela banda de pífanos, que toca todo o tempo. Embora o ritual forme um cortejo para uma tarefa de natureza religiosa, o espírito lúdico predomina, com os participantes dirigindo uns aos outros gracejos, às vezes obscenos, sobre o tamanho, a espessura e a quantidade dos toros que estão sendo carregados.

A banda de pífanos que abriu o cortejo de ida, fecha na volta. A banda somente se desloca de volta quando não há mais lenha disponível a transportar. Quando os músicos entram na vila, com os retardatários da apanha da lenha, os mais ágeis há muito tempo estão à espera. Com a chegada da banda de pífa-

nos, os participantes da apanha da lenha, carregando os toros às costas, contornam o templo, para depositar a lenha diante da porta principal. Somente quando os últimos devotos depositam a madeira, é que quatro ou cinco deles iniciam o trabalho de erguer a fogueira comunitária.

No ano da segunda observação, a fogueira ficou com cerca de quatro metros de comprimento por um metro de largura e uns dois metros de altura.

Durante o resto da tarde, as pessoas comentavam o tamanho da fogueira comunitária. Enquanto os mais jovens que haviam participado da apanha da lenha se orgulhavam do tamanho da fogueira, — uma das maiores dos últimos anos! os mais velhos, de suas janelas ou das cadeiras-da-calçada observavam que nos velhos tempos a fogueira era um “mundão” de tamanho.

Além da fogueira devocional comunitária, cada casa de moradia tinha uma fogueira armada à porta.

Apesar da grande seca e da perda quase completa da lavoura, a animação na preparação da festa pareceu superior à da observada anteriormente.

O FARDAMENTO DO CABLOCO

Terminada a armação da fogueira, a população está dispersa. É a hora da finalização da preparação dos trajes que serão usados na festa propriamente dita.

O conjunto de vestimentos e adereços é chamado de “fardamento”. Sobre uma roupa comum — calças, camisas de manga comprida, botas ou alpercatas, colocam os adereços de fibras vegetais; uma gola, uma tanga, joelheiras e braçadeiras, confeccionadas em palha de milho seco, trançadas ligeiramente e preparadas com antecipação. Na cabeça usam uma barretina feita de palha de coqueiro, bem verdinha, também trançada e enfeitada com flores silvestres e dos jardins residenciais. A barretina é preparada de última hora, para que conserve o frescor da palha e não murchem as flores.

A noite, na escuridão da rua mal iluminada, os adereços de palha se destacam sobre o fundo escuro das roupas, deixando a impressão de que os caboclos estão vestidos apenas com as fibras, como talvez ocorresse com os seus ancestrais. Por baixo da bar-

retina, alguns usam lenços cobrindo a cabeça e óculos escuros, ocultando uma parte do rosto.

Embora fosse grande o número de devotos que usam o traje de caboclo, a maioria dos participantes da festa limitava-se a portar a barretina enfeitada de flores. Tal redução do fardamento ocorreu principalmente em relação às mulheres e às crianças.

A hora da Ave-Maria é saudada também pelos sinos e pelo toque dos pifeiros e estouros dos fogos. É a partir desta chamada que começam a aparecer na praça os caboclos com os seus fardamentos vistosos.

Às 20 horas, os sinos tocam chamando para a missa. A igreja é pequena para receber a população da vila, seus visitantes e moradores dos arredores.

O pároco celebrante reserva um espaço de destaque, em torno do altar onde é celebrada a missa, para os caboclos, que formam em torno dele um semicírculo. As mulheres e crianças que chegaram primeiro ocupam os bancos. Os homens enchem os espaços vazios e os retardatários contentam-se em acompanhar de fora a cerimônia.

Terminada a missa, a banda de pífanos sai à frente, seguida dos caboclos e dos demais devotos.

A grande praça estava então iluminada por grandes braseiros. Na noite clara, a fogueira comunitária e as pequenas fogueiras familiares superavam a precária iluminação pública elétrica.

O cortejo deu então três voltas grandes na praça, beirando as calçadas das casas e envolvendo a igreja. Levou-se cerca de uma hora para completar o percurso. A multidão se dispersa, enquanto a banda de pífanos e os caboclos iniciam visitas domiciliares. A primeira casa visitada é do pároco. Enquanto a banda toca, o mestre do grupo faz saudações, repetidas pelos caboclos: "Viva Nossa Senhora das Montanhas! Viva São João Batista! Viva Nosso Padre!. Viva a Tupainha!". Dão as despedidas após servirem-se de comidas e bebidas e seguem para outras visitas, onde incluem nas saudações os donos das casas.

Após as visitas o cortejo é conduzido à laje do Conselho, pela banda de pífanos. O local, é um grande lajeiro perto da

vila, onde o "mestre gaitero" assume a direção da música até o final da festa. A dança se desenvolve em semicírculos, ao som da gaita e de gritos ritmados — sons e danças da tradição indígena — o toré.

A cerimônia da laje do Conselho termina com os conselhos do chefe do grupo, para que os caboclos evitem excessos de bebida, respeitem as filhas dos outros e não se desentendam durante os festejos.

Segundo contam os mais velhos, os caboclos, na ocasião da cerimônia da laje do Conselho, portavam palmas de cana-de-açúcar pendoadas. Todavia, nem na primeira, nem na segunda observação apareceram estas palmas.

Após ao toré da laje do Conselho, os caboclos voltam à porta da igreja, a fim de realizarem os pagamentos da promessa. O "mestre gaitero", postado à direita inicia a música. Os caboclos precedidos pelo chefe, começam a dançar, executando a mesma coreografia que haviam desenvolvido na laje do Conselho. O chefe do grupo adverte: "Quem tem promessas a pagar, a hora é essa!" e repete as saudações, "Viva Nossa Senhora das Montanhas! Viva São João! Viva Nossa Tupainha." Antes de dispersar o grupo, o mestre lembra a obrigação da "dança do sete", ao amanhecer.

Quando a cerimônia terminou os caboclos se dispersaram, para participar de comemorações familiares e com amigos.

Antes do alvorecer, os caboclos começam a se reunir outra vez, agora para solenidade final: a "dança dos sete". O grupo dá três voltas em torno da igreja e a seguir faz sete voltas, dançando em zigue-zague no átrio. Na porta principal, que está fechada, param e de frente a ela repetem as saudações, terminando pela despedida — "Até para o ano, se Nossa Senhora das Montanhas consentir!"

Terminada a "dança dos sete", "o mestre gaitero" passa o comando da música para a banda de pífanos que está à espera, para tocar a alvorada festiva da despedida. O grupo de caboclos se dispersa nas despedidas individuais.

Quando a claridade da manhã domina a praça e o movimento da vila começa, os caboclos já se vão afastando, conduzindo

do apenas nas mãos as barretinas, com as flores murchas. A festa acabou.

Na festa dos caboclos de Urubá estão presentes dois universos distintos. Na igreja o catolicismo popular — os caboclos reverenciam Nossa Senhora das Montanhas e os santos católicos, enquanto na laje do Conselho, além destes, reverenciam também as entidades de cultos mediúnicos de origem indígena, intercalando frases curtas em português e palavras da língua ancestral esquecida.

ABSTRACT

This ethnographical report describes the religious event that takes place yearly during the night of June the 23rd, in honour of our Lady of the Mountains, in Cimbres, a small country place in Pesqueira, 240 km far from Recife, Pernambuco. That event bring together some of the ordinary features of the northeastern popular catholic practices and cultural trait of the xucurus and paratiós indians that are the ancestors of many local people.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 — Descrição de acordo com observações realizadas em 1978 e 1980.
- 2 — PINTO, Estevão em seu livro *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo, Ed Nacional, 1935, p. 138, inclui os xucurus, grafando sucurus, no grupo dos Cariris.
- 3 — “Caboclo de Urubá é uma entidade reverenciada em cultos mediúnicos de origem indígena do Nordeste, aparecendo como tal inclusive em alguns foliões populares da Zona da Mata, em Pernambuco (Mamulengo e Cavaio Marinho).
- 4 — É possível também que este fato seja uma indicação de que as mulheres e crianças no passado não participassem do uso do fardamento.
- 5 — “Toré” — PEREIRA DA COSTA, F. A., registra no verbete deste título, do *Vocabulário pernambucano*. Separata da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, 34:706, 1937, a palavra como flauta e antiga dança dos índios, e tradicionalmente em voga entre os semi-selvagens de Cimbres. Os diversos autores que tratam das culturas indígenas registram o toré como dança tanto de caráter religioso como apenas lúdica. Nos cultos mediúnicos de origem indígena do Nordeste, o toré figura como cerimônia religiosa onde a dança é uma das partes mais destacadas. Há registro do termo como dança indígena em diversos outros estados, aparecendo também com a grafia de “Torem”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MELO, Mário. Etnografia pernambucana. Os xucurus de Arorubá. *Revista do Instituto Arqueológico Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, 13 (155/8): 43-50, 1935.
- PEREIRA DA COSTA, F. A. Vocabulário pernambucano. Separata da *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, Recife, 34: 706, 1937.
- PINTO, Estevão. *Os indígenas do Nordeste*. São Paulo, Ed. Nacional 1935. 260 p.
- . *Etnologia brasileira — Fulniô os últimos tapuias*. São Paulo. Ed. Nacional, 1956. 305 p.
- RAMOS, Arthur. *Introdução à antropologia brasileira; as culturas não européias*. Rio de Janeiro, Liv. Casa do Estudante do Brasil, 1951. v. 1.
- WILSON, Luís. *Arorobá — Lendária e eterna. Notas para a história de Pesqueira*. Pesqueira, Prefeitura Municipal, 1980. 451 p.

Recebido para publicação em 03 de maio de 1985